

EXPERIÊNCIAS SERTANEJAS DO TEMPO: NOTAS SOBRE O INTERIOR DA BAHIA

Eudes Marciel Barros Guimarães
Mestrando em História – UNESP-Franca. Bolsista CAPES.

Resumo: Com esta comunicação, pretendo levantar algumas questões relevantes para o estudo do interior brasileiro a partir da minha pesquisa de mestrado sobre experiências sertanejas de tempo. Na pesquisa, trato de uma região do interior da Bahia, ora referida como sertão de Caetité, onde me proponho a perscrutar as relações com as perspectivas de desenvolvimento, de dimensões estadual e nacional, e os projetos voltados para a região durante o primeiro período republicano. Sugiro que, focalizando discursos que possibilitem olhar para tais perspectivas, pode-se entrever as projeções de potencialização do espaço interiorano no campo dos desejos, toantes com as ideias de modernização e modernidade na época, e também os enganos e irrealizações, o que inscreve ambivalências. As maneiras como os sujeitos do interior experimentaram o tempo revelam novas formas de pensar a república e a nação projetada no período.

Palavras-chave: experiências sertanejas; modernidade; sertão de Caetité.

As mudanças na experiência do tempo podem ser procuradas nas narrativas sobre um espaço social, especialmente se forem enunciações de habitantes desse mesmo espaço. Para buscar o que era falado do interior da Bahia nas primeiras décadas da República, os periódicos e as correspondências constituem-se como fontes privilegiadas por possibilitarem interpretar as formas de narrar que, com o tempo, foram se modificando. Modificaram-se em meio às vicissitudes dos processos políticos, mas também devido às investidas do sanitarismo, à difusão do maquinismo, de novas técnicas de manejo agrícola e de arranjos econômicos.

Num período em que foram estabelecidas relações mais largas e complexas entre o interior do estado e os centros de poder, novas formas de narratividade começaram a se difundir e a interferir nos imaginários sociais de localidades interioranas. Assim, podemos indagar, por exemplo, o que representou, para as elites de Caetité, no interior da Bahia, a obtenção de um aparelho de radiotelefonia ou as novas orientações cartográficas para o conhecimento da larga região onde estendiam os seus poderes. Mas, em que medida, as mudanças nas maneiras de lidar com o tempo e com o espaço – meios de comunicação e reorganização espacial, para ficar nos exemplos citados – interferiram nas experiências sertanejas do tempo, qual o seu ritmo e a sua

intensidade? Se não é possível medi-las, podemos ao menos perscrutar algumas fontes.

Proponho passear sobre as camadas profundas do alto sertão baiano¹ tendo como fio condutor as relações temporais entre lugares pinçadas especialmente em correspondências pessoais e jornais locais. Em outras palavras, começo percorrendo assuntos tratados nessas fontes, de modo a estabelecer uma relação entre as experiências sociais na cidade de Caetité, no seu entorno e em municípios vizinhos, com as experiências em outros lugares figuradas nessas mesmas fontes. A partir dessa análise será possível abrir a porteira para sondar diversos aspectos da vida sociocultural no sertão, vicejando ir além do caminho já decantado, qual seja, a relação dual estabelecida entre atraso e progresso, entre sertão e litoral.² Para tanto, fontes oficiais, como as atas do Conselho Municipal, também serão tratadas.

Nossa aventura pelas temporalidades do sertão baiano começa em Nova York. Lá se encontrava, no início da década de 1920, um dos personagens mais intrigantes que mantinha correspondências com seus familiares no alto sertão da Bahia. Era manhã de domingo do mês de julho quando, depois de uma longa viagem à vapor, Oscar chegou ao porto para daí avançar pela cidade:

A 1ª impressão não foi das melhores, o porto é feio e a cidade é baixa e plana. A falta de vegetação causa má impressão a chegada. Depois do desembarque e a medida que eu fui aproximando-me do centro a impressão foi-se transformando. Beleza propriamente parece que não ha aqui, ha é muito o que admirar.³

É bem possível que essa primeira impressão, escrita na carta enviada aos pais três dias após a sua chegada em Nova York, tenha sofrido alterações. Se beleza, como a entende Oscar, trazia conforto, ele estava visivelmente desassossegado. No entanto, as

-
- 1 Região imaginária localizada no sudoeste da Bahia e que se estende para além das fronteiras do estado. Uma discussão sobre essa região pode ser lida em ESTRELA, Ely Souza. O alto sertão da Bahia. In: *Os sampaulenses: cotidiano e representações*. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP; Educ; Fapesp, 2003, p.35-67. Utilizo essa referência regional para localizar o município de Caetité que é o foco da minha pesquisa, e por ser também, à época, um dos principais pontos de articulação regional.
 - 2 Os caminhos abertos por trabalhos como o de Nísia Trindade Lima (1998) e Candice Vidal e Souza (1997), entre os mais citados, que analisaram o pensamento social brasileiro sobre o sertão, só são – ou serão – frutíferos se se avançar nessa abertura para trajetos ainda não percorridos. Aliás, em vista dessa “grande estrada”, é preciso ir pelas laterais, nas trilhas quase imperceptíveis, aquelas pelas quais passaram sujeitos do sertão que não estiveram, nem poderiam estar, entre os intelectuais, pensadores e intérpretes do país: hora de identificar rastros e caminhos diversos, plurais e profundos.
 - 3 APMC. Acervo da família do Dr. Deocleciano Pires Teixeira no Arquivo Público Municipal de Caetité; série: correspondências, caixa 4, maço 4 – em processo de recatulação.

palpitações da urbe e os ícones de modernidade,⁴ feitos também para serem admirados, não poderiam deixar tranquilos o corpo e os olhos de quem os via pela primeira vez – o que, de certa forma, produzia algum alento no sujeito que se via sozinho em meio ao turbilhão compulsivo da cidade moderna.⁵ Com aproximadamente vinte e seis anos, Oscar provava as primeiras aventuras no estrangeiro com o objetivo de trabalhar e aperfeiçoar-se em engenharia. Desventuras, na verdade, uma vez que essa experiência lhe provocou profundo ceticismo em relação às vivências cosmopolitas e às seduções dos espaços de referência socioculturais. Já morando no Rio de Janeiro, quando narra ao seu pai uma conversa que teve com o tio, tira algumas conclusões que sugerem enganos anteriores, expectativas frustradas com a experiência:

Certa ocasião respondendo a sua insistencia sobre uma viagem pela Europa, perguntei-lhe qual a quantia que se dispunha a gastar comigo, acceitaria como emprestimo para dispôr como julgasse conveniente. Respondeu-me que nada possuia, a não ser alguns titulos desvalorizados presentemente e a pequena pensão. Fiquei penalizado! Trabalhar toda a mocidade para a Patria, chegar a invalidez sem puder dipôr de coisa alguma. É um caso que realmente faz temer o ser empregado publico. Mal no entanto sabe elle que uma das principaes razões para não desejar ir a Europa é não sentir-me financeiramente forte. Desde que me pagassem bem iria á China, á Hotentocia, ou, a qualquer outra parte do nosso planeta. Ir porém ao estrangeiro com minguada quantia, passando pelo que lá ha de pior frequentando restaurantes dos peiores e ainda assim pedindo os pratos pelo lado direito do cardápio, é coisa que não aspiro.⁶

É o mesmo Oscar que, poucos anos depois das experiências no estrangeiro e

4 As transformações empreendidas pela ciência – física, óptica, química, engenharia – que desembocaram em “fenômenos ilusionistas” e “mágicas mecânicas”, ao lado de automóveis, bondes e luzes das ruas; ruídos, músicas e imagens em movimento compunha um painel energizante da grande cidade (Pinto, 2000). Num cartão postal repleto de elementos icônicos e simbólicos de Nova York, enviado à sua irmã Celsina em Caetité, Oscar escreve no verso: “as mais notáveis coisas d’este país e d’esta cidade. Nos quatro cantos v. verá os modernos meios de transportes. [...] quanto ao aeroplano, a Europa ainda dá lições à América. Quanto aos automóveis basta dizer que dos 9.000.000 existentes no mundo, 8.000.000 estão nos S. Unidos”.

5 Esse sujeito, ainda que solitário, está inserido numa “multidão” disposta aos mesmos deslumbres e sensações. Como assinala, genericamente, Marshall Berman, “A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades” (1986, p.21). Lançado nesse turbilhão, o homem na rua moderna “se vê remetido aos seus próprios recursos – frequentemente recursos que ignorava possuir”. Para atravessar o caos e pôr-se a salvo dele, precisa estar em sintonia e sempre com um passo adiante; “desenvolver sua habilidade em matéria de sobressaltos e movimentos bruscos [...] não apenas com as pernas e o corpo, mas também com a mente e a sensibilidade” (idem, p.154).

6 APMC. Acervo da família do Dr. Deocleciano Pires Teixeira no Arquivo Público Municipal de Caetité; série: correspondências, caixa 4, maço 4 – em processo de recatologação.

em algumas cidades brasileiras importantes, irá ser um dos responsáveis por modificações significativas na sua cidade natal. Na década de 1920, com a sua família novamente no domínio político, empreende, juntamente com seu irmão Mário, a instalação da energia elétrica na cidade de Caetité. Posteriormente, já na carreira política, participa dos projetos de abertura de estradas de rodagem no alto sertão (AGUIAR, 2011, p.118-121).

As figurações do sertanejo do alto sertão da Bahia na cidade grande podem ser evidenciadas numa carta que um irmão de Oscar escreve aos seus pais. As comparações – aproximações e distanciamentos – são delineadas de acordo com o paradigma de um interior refratário, um lugar vazio onde os camponeses sertanejos são chamados de “tabaréus”, ocupando um campo semântico que se aproxima da sátira. Como afirmou Dawid Bartelt, “o sertanejo ganhou forma então como caricatura universal do tabaréu. As peças de sua vestimenta, do chapéu e a cueca aos sapatos inexistentes, formam o símbolo de sua incapacidade de modernização” (2009, p.247). Ainda que os “tabaréus”, no caso a seguir, eram parentes próximos do autor da carta e não figuravam entre os segmentos pobres do sertão, suas atitudes diante do cosmopolitismo beira a sátira.

Aqui estão dias quasi um mez o Chico e Evangelina – q cheios de espanto começam a ser surpreendidos pela civilização material desta grande cidade. A principio não gostaram, acharam tudo exterior ao seu modo de pensar e sentir – hoji porem elles ja sentem com o Rio e já o admira. – O Chico ja fallou-me em vender tudo q possui e vir morar aqui. Bem sei q isto é fantasia, mas demonstra a vida de desconforto que si vive no Sertão – desconhecido do Brasil e desconhecendo o Brasil.⁷

Narrativa comum de um lugar raso nas possibilidades materiais de vida – neste caso, especialmente no que dizia respeito às vivências socioculturais –, o espaço social do sertão é diminuído em relação às vivências urbanas e cosmopolitas. O autor não contém o riso secreto diante dos visitantes desacostumados e admirados com o Rio de Janeiro, notando experiências que vão ganhando gradações: provincianismo, admiração, desejo e fantasia. Não seria fantasioso dizer que Nelson, autor da carta, guardasse secretamente sentimentos parecidos, estando, todavia, confortado pela sua situação de

7 APMC. Acervo da família do Dr. Deocleciano Pires Teixeira no Arquivo Público Municipal de Caetité; série: correspondências, caixa 4, maço 4 – em processo de recatologação.

morador aparentemente habituado com a capital.⁸

Em Caetité, é a palavra sertão que vai se tornar o núcleo do pensamento de João Gumes. Sendo responsável pelo principal jornal que circulava na região, Gumes articulou, nos editoriais do periódico, narrativas, projeções e possibilidades num misto com irrealizações e desgostos, primeiro para trabalhar no potencial da categoria, seguido do desejo de justificar uma condição privilegiada do lugar para a efetivação de projetos. A ideia de sertão vai designar uma gama de experiências e expectativas, marcadamente temporais, que transcendiam o próprio lugar de onde falava. Trabalhada pelo jornalista, alcançou um campo semântico amplo, mas ao mesmo tempo sintético das condições de quem vivia no interior distante dos centros de poder do país.

A partir de uma referência geográfica – alto sertão da Bahia ou, mais especificamente, sertão de Caetité⁹ – Gumes trabalhou nas ideias de riqueza e abandono para caracterizar a situação do sertão. Se existia riqueza, o fato de não serem aproveitadas devia-se aos maus cuidados dos governantes do estado. Mas o abandono também poderia caracterizar a atitude dos habitantes mais pobres que emigravam, especialmente para São Paulo, em busca de melhores condições de vida. Em outros momentos, porém, mostra-se otimista pelo fato de tomar contato com os sons que poderiam dar vida nova ao sertão de Caetité, como nas matérias em que fala da radiotelegrafia e do automóvel.

Os novos sons restritos às elites apontam para clivagens temporais entre os diversos segmentos da sociedade. Um desses sons chegou a Caetité através da iniciativa de um morador influente e foi motivo para incitar a acuidade auditiva dos que podiam acessá-lo. Tratava-se da radiotelegrafia, um sistema de comunicação através de um aparelho que permitia ouvir notícias longínquas. Estimulado pela novidade, João Gumes faz um apanhado do avanço técnico reservado para o século XX, tempo de “invenções maravilhosas”, dimensionando sua experiência auditiva para um horizonte de

8 Em carta enviada ao pai, datada de 31 de janeiro de 1924, Nelson escreve: “Espero embarcar depois de amanhã para Bahia [Salvador]. Vou abraçar amigos. Acredito que para quem vae do Rio, individualista e cosmopolita, a Bahia é um patriarcado de Abraão.” APMC. Acervo da família do Dr. Deocleciano Pires Teixeira no Arquivo Público Municipal de Caetité; série: correspondências, caixa 4, maço 4 – em processo de recatologação.

9 Em 29 de maio de 1925, Oscar escreve ao pai dizendo que “[...] O Alto-Sertão foi oficializado na mensagem do Dr. Calmom com o nome de Sertão de Caetité e é com muita exactidão considerada uma das regiões distintas do Estado, assim como há a visão do Sul, etc.” APMC. Acervo da família do Dr. Deocleciano Pires Teixeira no Arquivo Público Municipal de Caetité; série: correspondências, caixa 4, maço 4 – em processo de recatologação.

expectativas além dos limites da terra.

Somos arrastados a estas considerações deante do aparelho radiotelephónico, que, graças ao nosso illustre e bondoso conterrâneo o Dr. Olympio Teixeira, acha-se instalado n'esta Cidade, o primeiro que se vê e se conhece n'estes altos sertões.

As ondas hertzianas, trazendo-nos instaneamente todo e qualquer ruído que se produza no Rio de Janeiro e que aqui se ouve como se lá se estivesse suggerem-nos a idéa de que em breves annos poderemos nos communicar com os outros planetas do nosso systema.¹⁰

Ícone do avanço técnico, o aparelho radiotelefônico marcava, para o jornalista, a vulgarização das invenções que tornariam possíveis as comodidades humanas. Mas ouvir notícias distantes sem sair do lugar não era o suficiente e nem influenciaria com tanto vigor na dinâmica do espaço que se queria movimentado. O maior símbolo de progresso para Gumes era o automóvel que alterava o tempo de locomoções, tornando possível o caminho da modernização.

Foi marcando essa nova possibilidade que na manhã de 6 de novembro de 1925, um som diferente alterou o espaço de experiência sensorial de Caetité. Seu impacto perceptivo já estava anunciado e a experiência se deu muito mais pela expectativa que a novidade disseminava. Grande parte da população esperava a chegada dos automóveis, trazidos pela “Companhia Melhoramentos Sertanejos”, desde o dia anterior, como a imprensa e o boca-a-boca tinham divulgado. A “festa” começaria na Pedra do Conselho, onde “iriam encontrar os grande numero pessoas, as escholae e autoridades”, e passaria pela rua “2 de Julho” em meio a muitas famílias que “se agglomeravam para ver a novidade”.

Afinal, das dez para as onze horas ouviu-se o signal ajustado para a entrada –, o estouro de um petardo, – subindo logo aos ares copia de fogos do ar e ouvindo-se os accents de um alegre dobrado que executava a “Lyra Caítettense” de mixtura com o viver da grande massa de povo que constituia o prestito e em parte enchia não só a jardineira como o caminhão, que descia com o vagar possível em meio do povo alacrememente ruidoso e entusiasmado.

“O prestito subiu pela rua 2 de Julho por entre vivas, musicas, fogos e sons”. E como não estava pronta a garagem, “pararam os automóveis em frente ao Theatro

10 GUMES, João. “Radiotelephonia”. *A Penna*, Caetité, 08.10.1925, p.1.

Centenario, onde teve lugar em sessão solenne, achando-se cheios a platéa e os camarotes”. Dentro do teatro, pôde-se ouvir o discurso inflamado do promotor público Fellipe Freitas, “dizendo que o facto hoje aqui festejado com tanto jubilo é uma demonstração de que Caeté já é civilizada, que sua população já comprehende as vantagens do progresso e, desejosa de novas conquistas, esforça-se e consegue-o”.¹¹ Ironicamente, nos documentos de um processo judicial ocorrido também no ano de 1925, o mesmo promotor insinuou, através dos entraves judiciários, a situação do lugar, onde “os correios lentos, bifurcados em burros lérdos, gastam 20 dias ou mais, para fazer chegar um edital”.¹² Fora do teatro, podemos especular as curiosidades de pessoas sobre os dois automóveis; as narrativas dos que, nas aventuras em terras paulistas, já conheciam a máquina, gabando-se e contando vantagens; os olhos curiosos das crianças examinando e surpreendendo-se com cada detalhe daquela caixa sonora e de estranho visual. As fontes silenciam sobre os dias seguintes à “festa”, talvez pelos mesmos sons que se fizeram sentir nos dias anteriores, agora reabilitados na caixa de ressonância costumeira do lugar.

Os ruídos, barulhos evocados, contrastam com a ideia de um lugar silencioso, onde só se poderia ouvir os “sons coloniais”. A falta dessa difusão de ruídos compulsivos, de máquinas e objetos ruidosos, muitas vezes compunha a crítica ao atraso das pequenas cidades interioranas – silêncio era sinônimo de um antigo legado composto pelo passadismo, ineficácia, incômodo, travancamento e imobilidade.¹³

Como afirmou a historiadora Maria de Fátima Pires, “No alto sertão, os espaços das ruas e das roças aparecem como vitais aos expedientes de sobrevivência de segmentos sociais pobres. Não unicamente em sua materialidade, mas como lugares de trabalho e encontros diversificados” (2009, p.238). Assim, o espaço da rua é “o substrato material onde ocorrem e de onde tiram o seu sentido as diversas atividades” (FREHSE, 2005, p.168). Um passeio pelas ruas de Caeté dos anos dez e vinte nos permite ver e ouvir algumas querelas e mazelas, atividades sociais diversas que mostram o lugar enquanto *artefato* – coisa material que as práticas sociais e o *campo de*

11 GUMES, João. “A festa dos automóveis”. *A Penna*, Caeté, 19.11.1925, p.1.

12 APMC. *Fundo*: Cartório dos feitos cíveis e criminais; *série*: autos cíveis; *subsérie*: ação de desapropriação; *data-limite*: 1925-1988; *caixa*: 28.

13 O atraso poderia figurar significativamente nos carros de bois “indesejáveis em seus aspectos simbólicos, visuais e auditivos” (APROBATO FILHO, 2008, p.90), mas extremamente necessários para o transporte e sobrevivência econômica sertaneja.

forças produzem – e que dão sentido às *representações*, ou seja, às imagens, imaginação e imaginário que orientam as intervenções dos sujeitos no espaço. Dentro do campo de forças interferentes no artefato, privilegiei as forças políticas, por aquilo que nos informam as atas do Conselho Municipal. Elas, por sua vez, colocam em tensão as forças culturais e sociais.

Assim, as fontes nos incitam a ouvir outros ruídos presentes nas festividades, em ruas e praças. Em Caetité, dois eventos foram registrados em ata pelo oficial da secretaria, José Elysio da Silva, no final da década de 1910. Ambos tinham como cenários a praça da catedral e o Paço Municipal e articulavam-se, cada um, em torno de uma imagem: a de Jesus Cristo e a do coronel José Antônio Rodrigues Lima.

O primeiro deles ocorreu em 08 de abril de 1917, em torno das dezessete horas, quando o Conselho respondeu ao pedido de “senhoras” colocando no Paço Municipal a imagem de Jesus Cristo. A ocasião mereceu celebração festiva e decoração suntuosa do edifício: “Das janellas pendiam brancos cortinados; sobre as mezas da casa descansavam inumeros jarros de flôres naturaes n’uma brilhante confusão, notando-se, ainda, pellos angulos da salla, grande quantidade de crotons e efeitos outros”. A leitura que a narrativa enseja possibilita visualizar na praça os sujeitos que acompanhavam a imagem conduzida em “charola”, sendo acompanhada pelo “Bispo Diocesano, clero, pessoas gradas, associações religiosas, collegios, escolas publicas, parochial e Municipal; Philarmonica ‘Lyra Caetiteense’, e incalculavel multidão” que se dirigiam ao edifício onde estava na entrada uma “comissão de conselheiros”.

Logo depois effectuou-se a collocação da Imagem de Jesus Christo no lugar de honra do Paço Municipal, sendo executado pela Banda Musical presente o Hynno Nacional, ouvindo-se nessa ocasião vivas e appaludos estrepitosos. Terminada a cerimônia que deixou o animo de todos os assistentes a mais agradavel impressão, retirou-se o Exm^o e Rvm^o. Senhor Bispo Diocesano, sendo acompanhado pelo Doutor Intendente Coronel e todos os Senhores Conselheiros.¹⁴

Dois anos mais tarde, aqueles que se dirigiram à praça da catedral assistiram a “uma grandiosa e imponente manifestação de apreço e solidariedade, realizada com esplendor nunca visto nesta Cidade, com entusiasmo delirante de toda a população”. Era a solenidade “noturna, festiva e extraordinária” para colocar na parede do salão

14 Ata da Sessão extraordinária do Conselho Municipal de Caetité, 08.04.1917.

nobre “o retrato a oleo, esplendidamente emoldurado do Coronel José Antonio Rodrigues Lima”.¹⁵ Dentro do recinto estavam diversos políticos e ocupantes de cargos públicos, representantes de associações, da imprensa e de escolas, “pessôas gradas” da cidade e de outros distritos, “innumeros Cavalheiros, Excelentissimas Senhoras, Senhoritas e crianças, e uma imensa massa popular, que enchia os corredores, ante sala e salão do andar terreo, bem como grande parte da Praça da Cathedral”:

da sacada de uma das janellas fallou á multidão, eloquentemente o Capitão Cezar Augusto Pereira de Castro, sendo as suas ultimas palavras abafadas por estrondos e prolongados vivas ao manifesto. Durante o acto, a Philarmonica da Lyra Caetiteense, postada num compartimento lateral, executou brilhantes trechos. [...]. Depois da primeira saudação ao Coronel Rodrigues Lima, lhe foi entregue um lindo ramallete de flores naturaes por uma criança. No retrato foi colocado um artistico cartão de prata com expressivos dizeres ao homenageado.¹⁶

Nas duas descrições, José Elysio desenha uma imagem harmônica, colorida e sonora de dois eventos que se coadunam, tomando praticamente as mesmas feições. Cria um cenário de elementos visuais distintivos da ordem civil em torno de uma ocasião que sintetiza sensações pretensamente comuns. Entre esses elementos, que formam um conjunto harmonioso, destacam-se a musicalidade regida (Lyra Caetiteense), as cores e estética (condecoração do Paço), as hierarquias e distinções sociais (políticos, clero, representantes de associações e da imprensa, pessoas gradas, alunos e professores, senhoras e senhoritas), terminando na “imensa massa popular” ou “incalculável multidão”, concebida a partir da ideia de espetáculo que se ampara na ordem pública.

A imagem de José Elysio, forjada pela sua visão desejosamente positiva, mas também pela natureza do documento, pode enganar o leitor duas vezes: quando deixa ver a harmonia dos eventos e quando, tracejado esse quadro, sugere um padrão social que oculta as vicissitudes e as clivagens do cotidiano. Um cotidiano marcado de cangalhas, ruídos de carros de boi e atividades sociais diversas que tiram o foco do centro para os arrabaldes e tornam o desejo moderno puramente fragmentário, disperso e irrealizado. A detonação desse desejo pode ser ouvida na ironia sintomática de um

15 José Antonio Rodrigues Lima era um importante político de Caetité. Como evidencia a fonte, um “ex-Intendente deste Municipio, por eleição em diversos quatriênios”.

16 Ata da sessão noturna, solene, festiva e extraordinária, para colocação do retrato a óleo do Coronel José Antonio Rodrigues Lima, no Salão Nobre do Paço Municipal, 21.09.1919.

segredo que “se propaga em voz baixa”, fora das atas, saído da boca de um pseudônimo:

Segredando

O segredo é uma cousa que se propaga em voz baixa.

Falam que... o salão do “Rio Branco” para bem de nossas ideias progressistas deveria se envergonhar do seu estado, de quebradeira e desleixo, e fechar discretamente as suas portas e prompto! –

Ainda falam mais que... o decantado projecto de canalização da água se continuar assim vae realmente para o esgoto.

Falam mais que já se preparam para a luz eléctrica, não lembrando que o principal está no S. Francisco.

*Afrani.*¹⁷

Fontes:

Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC)

Correspondências Pessoais

Acervo Particular da Família do Dr. Deocleciano Pires Teixeira

Grupo: Deocleciano Pires Teixeira

Série: Correspondências Pessoais

Caixa: 4.

Cartões Postais:

Acervo Particular da Família do Dr. Deocleciano Pires Teixeira

Grupo: Iconografia

Série: Cartões Postais

Atas:

Acervo da Intendência Municipal de Caetité

Grupo: Conselho Municipal

Série: Atas das sessões do Conselho Municipal de Caetité

Caixa: 01

Maço: 05

Jornais:

A Penna, 1912-1929.

A Voz da Pátria, 1919.

17 *A Voz da Pátria*, Caetité, março de 1919, p.3. O “segredo” é uma crítica que passa pelos dois argumentos principais que sustentaram as “ideias progressistas”: a ordem pública e a infra-estrutura. Desde 1917, a energia elétrica e a canalização da água vinham passando por discussões no Conselho. Os serviços de água foram inaugurados em 1919 com sérios problemas de distribuição e fragilidade dos materiais utilizados. Quanto à eletricidade, a demora foi bem maior pelo fato de ter a caldeira encalhado no rio São Francisco. A luz elétrica só veio a ser inaugurada em 1925.

Bibliografia:

AGUIAR, Lielva Azevedo. “*Agora um pouco de política sertaneja*”: a trajetória da família Teixeira no alto sertão da Bahia (1885-1924). Santo Antônio de Jesus, BA, 2011. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local), Universidade do Estado da Bahia.

APROBATO FILHO, Nelson. *Kaleidosfone: as novas camadas sonoras da cidade de São Paulo, fins do século XIX / início do XX*. São Paulo: Edusp; FAPESP, 2008.

ARAUJO, Valdeci Lopes de. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008.

BARTELT, Dawid Danilo. *Sertão, República e Nação*. Trad. Johannes Krestschmer e Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2009.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti e Marcelo Macca. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Trad. Vera Ribeiro; revisão técnica de Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ESTRELA, Ely Souza. *Os sampauleiros: cotidiano e representações*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP; FAPESP; Edusc, 2003.

FREHSE, Fraya. *O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império*. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. Cartões postais paulistanos da virada do século XX: problematizando a São Paulo “moderna”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 6, n. 13, jun. 2000, p. 127-153.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan; IUPERJ; UCAM, 1999.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. *Revista USP*, São Paulo, n. 30, jun./ago., 1996, p.144-155.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *Uma Comunidade Sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (História Regional e Local)*. 2ª ed. rev. e ampl. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2008.

OLIVEIRA PINTO, Tiago de. Som e música: questões de uma Antropologia Sonora.

Revista de Antropologia, São Paulo, vol. 44, n. 1, 2001, p.221-286.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. Iconografia compulsiva da modernidade, mágicas mecânicas e urbanização. *Varia Historia*, Belo Horizonte, n. 22, jan./2000, p.104-125.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. *Fios da vida: tráfico interprovincial e alforrias nos Sertões de Sima-BA (1860-1920)*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2009.

VIDAL E SOUZA, Candice. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.